

OBJETOS ANTIGOS: CULTURA MATERIAL DO HOMEM DO CAMPO EM BITURUNA E SUA UTILIZAÇÃO EM SALA DE AULA

Carla Regina Nunes da Rocha¹;
Margio Cezar Loss Klock².

RESUMO

Durante o passar do tempo, o homem busca apropriar-se de fatos e elementos que o identifique e o diferencie perante outros indivíduos. A partir disso pretendeu-se mostrar que o homem do campo de Bituruna, sul do estado do Paraná, utilizou variados objetos e acessórios para desenvolver suas funções de trabalho e também na vida doméstica, os quais foram essenciais em seu cotidiano. Também mostramos que mesmo perdendo seu sentido original, os objetos passaram a ganhar uma nova significação, tornaram-se além de um elemento de identificação, uma forma de representatividade para quem os possui. E com o passar do tempo esses objetos se tornam documentos para a geração atual que muitas vezes sabe pouco e até mesmo desconhece certas peças que fizeram parte do existir de seus antepassados, os quais relatam uma História surpreendente e rica. É através do contato em sala de aula com esses objetos que os educados conseguem conhecer e entender melhor o modo de vida de seus pais e avós.

Palavras-chave: História, Identidade, Cultura Material, Educação no Campo

¹ Educando do Curso de Especialização em Educação do Campo-EaD, Universidade Federal do Paraná, Pólo UAB de Bituruna-Pr, e-mail: carlareginabitu@hotmail.com

² Educador Orientador, UFPR Litoral.

1 CONTEXTO

Durante a graduação em História, desenvolveu-se um interesse extremo em conhecer e estudar a Cultura Material que os colonizadores italianos oriundos do Rio Grande do Sul, que por volta de 1920, se deslocaram para o sul do Paraná, atual município de Bituruna, utilizaram em seu cotidiano. Através do estudo descobriu-se a imensidade de objetos, e histórias que estes traziam consigo. No entanto a pesquisa foi mais abrangente, envolvendo pessoas da área rural e urbana. É de nosso interesse conhecer, hoje, apenas as peças pertencentes ao homem do campo, descobrir qual sua utilidade para o trabalho, ou se tinha uma finalidade própria e ainda descobrir porque com o passar do tempo, muitas dessas famílias não se desfizeram desses utensílios, se com a modernização que já atingiu o campo, os instrumentos de trabalho foram se aperfeiçoando. Além disso pode-se investigar qual o sentimento que não permite que esses homens e mulheres eliminem de suas vidas tais peças.

No entanto para que esta pesquisa se realizasse da maneira esperada, foi interessante conseguir com que os próprios alunos se sentissem interagidos no contexto, onde segundo Pinsky in Karnal (2003, p.21) “cada estudante precisa se perceber, de fato, como sujeito histórico...”. Esse mesmo autor, p.22 nos mostra que é necessário que o Ensino de História seja valorizado e que os próprios professores devem se conscientizar de sua responsabilidade social, preocupando-se em ajudar o aluno a compreender melhor o mundo.

Rocha (2007) parte então para as concepções de Freire (1974), entre a da educação bancária, aquela que apenas deposita o conteúdo, sem fixá-lo de forma adequada, e a educação problematizadora, a qual impõe aos alunos um método específico e adequado de aprendizagem, deixando-a vontade para aprender. No ensino de História deve-se ignorar a concepção bancária na qual segundo Freire (1974, p.67) “(...) o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (...) a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição.” Mas, sim nos embasar na concepção problematizadora, onde segundo o mesmo autor, p. 78 “(...) a

educação problematizadora coloca, desde logo, a exigência da superação da contradição educador-educandos.” Nota-se aí, a diferenciação entre as concepções, não devemos nos impor ao conhecimento dos alunos, mas aceitar o que eles têm a nos ensinar.

Sabemos que nossos alunos estão fora da realidade que aqui abordamos, e é difícil tentar adequá-los a outro período, já que dele não participaram, vemos isso na fala de Pinsky , in Karnal:

Nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. Ele precisa saber que não poderá nunca se tornar um guerreiro medieval ou um faraó egípcio. Ele é um homem de seu tempo, e isso é uma determinação histórica. (PINSKY in KARNAL, 2003, p. 28)

Mas isso não quer dizer que há impossibilidades em trabalhar outros tempos históricos, onde o mesmo autor diz que, cabe ao professor aproximar o aluno de fatos históricos distantes, onde a partir de então o aluno poderá interagir com o contexto. Acredita-se que o interesse nesse trabalho pelo estudo de objetos, é de extrema relevância e que as informações coletadas muito contribuirão para o registro da história local e educação patrimonial, assim como uma forma de enriquecer a Educação do Campo, colocando em seu contexto, o contexto da própria comunidade em que a escola está inserida.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Esta experiência iniciou-se a partir do momento em que percebemos o desconhecimento de muitos alunos, os quais pertencem a uma escola do campo, o Colégio Estadual Santa Izabel (Escola do Campo).

O Colégio Estadual Santa Izabel, localiza-se no interior do município, no assentamento Santa Bárbara, comunidade do Agudo, tem sete anos de existência, sobrevivendo a muitas tentativas de fecharem suas portas, mas como muita persistência por parte da equipe da escola e da comunidade, isso não aconteceu, evitando assim, que os alunos acordassem muito cedo para se deslocarem até o centro do município. Essa força de vontade favoreceu uma escola de qualidade que utiliza de recursos que reforçam a identidade dos alunos de pertencer ao campo e a vida rural.

Já faz três anos que lecionamos neste estabelecimento e a ligação com os alunos é muito forte por perceber a diferenciação dos mesmos em relação ao alunado da cidade. Percebe-se facilmente a simplicidade e o desejo de aprender que estes possuem.

Para esta comunidade o Colégio, assim como a Educação do Campo, são de grande relevância, pois a interação e união da escola com a comunidade é evidente.

Trabalhamos nesta entidade com a disciplina de História, o que possibilita um contato forte com a realidade dos educandos, conhecer suas histórias, a trajetória do MST, movimento a que a quase totalidade de alunos pertencem, as lutas, as derrotas e as vitórias, pelas quais já passaram para conseguirem a terra e a escola na comunidade.

Um dos conteúdos trabalhados é a Linha do Tempo Histórica, que nos possibilita uma tentativa de reconstrução do passado, já que este não pode ser resgatado. Passaremos agora a uma descrição mais detalhada da experiência.

A turma em que este estudo se desenvolveu, foi o primeiro ano do Ensino Médio, composto pelos alunos: Alessandro, Bruno, Cristiano, Eliel, Elisangela, Franciele, Francisco, Giovana, Jéssica, Juliana, Jurema, Luciane, Maria Tainá e Zenilda. Após trabalharmos a Linha do Tempo Histórica tradicional, neste primeiro bimestre de 2011, foi solicitada aos mesmos, a confecção de uma linha do tempo pessoal, na qual abordariam a sua história pessoal, indicando os fatos principais ocorridas em suas famílias. Para isso uma pesquisa aprofundada seria necessária.

Como professora demos exemplos reais de como o trabalho deveria se desenvolver, inicialmente contamos a nossa história, a vinda dos avós de outro país, as curiosidades e histórias interessantes, como o avô que vindo da Polônia ainda bebê, contraiu uma doença no navio e para não ser lançado ao mar, sua mãe o escondeu dentro de uma pequena caixa até chegar ao Brasil, contando do casamento dos pais, dos bailes, das roupas, da avó que quando sepultada sua dentadura ficou pendurada na cruz, por ser uma tradição dos antigos, e muitas outras informações que já despertavam a vontade dos alunos em descobrir as suas histórias também. Em seguida foi perguntado aos alunos quais objetos antigos eles tinham em casa e o porquê da permanência deles em suas propriedades se já não tinham mais função de trabalho. Percebeu-se então eu muitos nunca se preocuparam em saber o que era aquela “coisa” velha e que só prestava “para trancar canto” que seu pais e avós possuíam.

Os alunos deveriam buscar informações dos parentes mais antigos que conseguissem, tataravós, avós, pais e enfim suas próprias informações. Nessa atividade não seria solicitado apenas contar os fatos, mas todo o contexto em que ele estava inserido. O roteiro para o desenvolvimento da pesquisa, solicitava, os dados de identificação das pessoas pesquisadas, além de informações referentes a temporalidade em que viveram, as roupas, as festas, as brincadeiras, o namoro, a moda em geral o principal os objetos pertencentes a essas pessoas e qual a finalidade que eles possuíam, naquele período, fazendo uma análise comparativa com a sua utilidade na atualidade. Ainda foi solicitado que cada um trouxesse elementos visuais do passado da família, objetos, imagens, histórias entre outros itens. O prazo de apresentação foi definido e os estudos começaram. Cabe antes de mais nada ressaltar a motivação e também a preocupação em pesquisar a vida de quem já não vive mais, pensaram na dificuldade de fontes para o estudo, mas também estavam impacientes para começar descobrir um pouco mais da vida familiar passada.

Chegado o dia das exposições a ansiedade era grande, antes mesmo da aula começar o assunto aos arredores da escola era o que tinham descoberto, os risos pelas roupas usadas pelas avós, até mesmo os cabelos e seus penteados estranhos. As fotos circulavam pelas mãos de todos e até mesmo aluno de outras turmas estavam querendo ver as exposições.

Antes da exposição dos alunos, mostramos algumas imagens que foram as principais fontes de nosso estudo inicial acerca da cultura material de Bituruna, no caso do homem do campo. As imagens, são de objetos pertencentes a famílias que residem no campo, família do senhor Dothilo Sândi, residente na linha Rosário, senhora Lídia Mattioli, residente da linha Engano e senhor Joaquim Soares residente no distrito de Santo Antônio Do Iratim.



Foto 01: Bigol

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha

Nota: Sustentação para cesta com uvas ou outros produtos agrícolas, feito com galhos de árvores que naturalmente já eram curvados. Sendo grossos, os galhos eram trabalhados, ficando ainda mais curvados e finos. O Bigol era colocado sobre os ombros por trás do pescoço, e colocava-se uma cesta de cada lado, facilitando assim o transporte das mesmas. O acessório encontrado na casa do senhor Dothilo, foi produzido após sua mudança para a Colônia Santa Bárbara, no ano de 1943. É um objeto que guarda apenas seu valor representativo, pois na função de trabalho, foi substituído por micro tratores conhecidos por Tobata.



Foto 02: Colchão de palha

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha

Nota: O colchão de palha da família Sândi foi adquirido na Colônia mesmo, e se têm dados que foi fabricado no ano de 1920, onde ao invés de lã ou algodão, o material utilizado para o feitiço do colchão era a palha bem selecionada, nos relatam que era muito confortável, hoje a família tem o colchão disposto em uma cama que ainda é utilizada.



Foto 03: Selim

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha

Nota: Usada na montaria, geralmente a sela era feita em couro, como suporte para os demais acessórios, a diferença entre a sela e o selim, é que aquela era usada na montaria de homens e esta na de mulheres, as quais não poderiam montar com as pernas abertas sobre o cavalo, até mesmo pelo fato de usarem vestidos, no selim, então, se posicionavam com as pernas para apenas um lado, mesmo que substituída por arreios e bastos, ainda muitos mantêm a sela em seus acessórios de montaria. O selim da família veio do Rio Grande do Sul trazido por dono Leonora Mattiola.



Foto 04:: Tamancos de madeira

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha

Nota: Sem o grande contato com produtos feitos de borracha, usavam-se antigamente os tamancos feitos de madeira, os primeiros foram trazidos do Rio Grande do Sul, por seu pai Luis Mattiola, ao se desgastarem eram feitos novos, na cidade vizinha de União da Vitória, ou em Bituruna mesmo na loja de couro do senhor Arno Doro, a base era de madeira, mas as tiras eram de couro, contou-nos dona Lídia que sua maior alegria foi quando pode comprar seu primeiro chinelo Havaianas, o qual pesava bem menos, e era bem mais confortável.



Foto 05: Enxó

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha

Nota: Espécie de enxadinha, utilizada para fazer gamelas e pilões, com uma base de madeira, uma concha de ferro serve para moldar a madeira em forma côncava. Devido ao desuso do pilão e da

gamela, a enxó também foi deixada de lado. Essa peça tem aproximadamente oitenta anos e foi feita pelo ferreiro Simão Giacomini. Pertence ao senhor Joaquim Soares



Foto 06: Gamela

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha

Nota: Usada como lavadouro, pia tigela e até mesmo prato, de diversos tamanhos, a gamela feita de madeira, servia tanto para tomar banho como para a alimentação, usava-se o enxó para confeccionar as gamelas, as quais hoje só servem de enfeite e memória

Estas são algumas das inúmeras imagens utilizadas para mostrar alguns costumes e utensílios do homem do campo do passado, ressaltando ainda, que nem todos esses objetos perderam sua serventia de trabalho, em situações inesperadas como por exemplo a falta de luz ainda o lampião é a forma de iluminação até o retorno da energia elétrica, o ferro de passar a brasa, também ainda mantém a função de serviço na ausência de energia elétrica. A surpresa era enorme com algumas peças como exemplo o tamanco de madeira, eles não acreditavam que aquilo existia mesmo.

Também ouvimos algumas músicas que nossos pais e avós ouviam, e que estas muitos conheciam pois ainda é “sucesso” para os pais em casa, como um exemplo a música antigamente interpretada pelo grupo Os Bertussi:

Antigamente

Os Bertussi (Honeyde Bertussi e Adelar Bertussi)

Antigamente uma festa lá pra fora
Era a coisa mais bonita que podia existir
Mais hoje em dia já está muito mudado
Até o povo não sabe se divertir.
Antigamente era coisa muito boa
Se falar em namorado e de namoro se saber;
Mais hoje em dia já está tudo mudado
Até o namoro é diferente de se ver.
Antigamente quando dava um casamento
Muito tempo a gente ouvia os fulanos vão casar;
Mais hoje em dia já esta tudo mudado
Em casamento não se ouve mais falar.
Antigamente pra fazer um batizado
Era um dia de festa pro vivente batizar;
Mais hoje em dia já esta tudo mudado
E nos compadres não se pode confiar!

A maioria conhecia as músicas, mas achavam elas muito engraçadas, bem diferente das músicas que fazem sucesso hoje em dia, no entanto quase todos aprovavam as músicas e diziam que gostavam muito de ouvi-las e cantavam junto. Terminando a análise das imagens e das músicas partimos para as apresentações, que foram muito interessantes e bonitas.

Por ordem alfabética iniciamos as apresentações, e cada história era surpreendente, já na primeira apresentação o aluno Alessandro no contou que sua bisavó como era muito pobre morava em um oco de Imbúia e tinha apenas um vestido, como ele mesmo disse ela não gostava muito de tomar banho, mas quando tomava e lavava o vestido, ficava sem roupa dentro do oco até o vestido secar para que ela pudesse o vestir novamente.

As apresentações foram ocorrendo uma a uma e as histórias eram cada vez mais interessantes, as fotos de objetos que os alunos possuíam em casa foram aparecendo assim, como os relatos e fatos que envolviam tais objetos. Quando chegou a vez da aluna Jéssica apresentar seu estudo ela convidou sua prima Maria

Tainá para que fizessem juntas suas exposições tendo em vista o parentesco em comum. Surpreendentes informações foram repassadas, trouxeram muitas fotos e “causos” dos avós, que foram “famosos” no município por suas ações. Uma das fotos a qual mais chamou a atenção dos colegas foi a do avô e do tio das meninas com revólveres e cerveja fazendo pose especial para a foto.

Algo muito interessante foram duas peças trazidas pela Jéssica, uma bombacha que era de seu avô, o qual sempre a usava e deixou para seu filho, pai de Jéssica, para que ele não se desfizesse desta. E realmente não há preço que compre este item. Também mostrou-nos um pelego que foi feito pelo próprio avô das meninas seu Adelino, ele mesmo trançou a lã do carneiro. Em diversas fotos é possível visualizar o acessório fazendo parte da montaria que seu Adelino usava, o pelego está guardado e a família não tem pretensão de perder o mesmo.



Foto 07: Alunas Maria Tainá e Jéssica

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha:

Nota: Peças pertencentes ao avô das alunas, uma bombacha e um pelego, os quais são guardados pela família.



Foto 08: Alunos Bruno e Juliana

Acervo: Carla Regina Nunes da Rocha

Nota: Análise de fotografias de antepassados, a empolgação e surpresa com os costumes de outras épocas.

A cada apresentação a vontade de expor as descobertas crescia, muitos objetos foram encontrados em suas residências, alguns desconheciam a existência de tais peças, por não saber da relevância dessas ferramentas.

Muitos lamentaram que alguns utensílios foram jogados fora por não saberem do valor histórico e cultural que estes possuíam. Falaram que jamais pensavam que aqueles trens e trechos podiam reconstruir um passado que parecia tão distante, que as memórias de seus familiares podia se reavivar com este estudo.

3 CONSIDERAÇÕES

Consideramos finalmente que nossas expectativas em relação a esta proposta de ensino foi superada, ao primeiro contato não parecia que o resultado seria tão satisfatório.

Considerando que cabe ao historiador e ao professor de História, estudar os fatos humanos e também o próprio homem em diferentes temporalidades, indicando suas ações e transformações no meio em que se insere, é relevante demonstrar o que

esse indivíduo utilizou para que ocorressem essas modificações, é aí que se enquadram os objetos e ferramentas, pois estes possibilitaram ao homem agir sobre o mundo. Para tanto, foi de nosso interesse nesse estudo, mostrar como os objetos antigos encontrados no município de Bituruna identificam o homem do campo e possibilitam que a Educação do Campo se aproprie dele para também auxiliar na formação de seu alunado.

Buscou-se uma reconstrução, mesmo que parcial de nosso passado, pois já que esse não pode ser resgatado e trazido a tona outra vez como “realmente ocorreu”. Pretendeu-se ainda refletir sobre todas as evoluções e transformações que ocorreram e perceber ainda o porquê de mesmo com todas essas alterações, muitas famílias ainda possuem essas peças, os mantêm para recordar e numa tentativa de se aproximar do passado e dos usos que se fazia dos mesmos, eles não se desfazem dos objetos, porque eles diferenciam seus donos de outros grupos, seja por sua utilidade em outros tempos ou por sua representatividade no presente.

Assim como Rocha (2007) acreditamos que o nosso interesse nesse trabalho pelo estudo de objetos, é de extrema relevância e que as informações que coletamos muito contribuirão para o registro da história local e educação patrimonial. Sabendo que o historiador deve variar na escolha e utilização de fontes históricas, queremos aqui indicar esses utensílios como uma dessas fontes. A partir do instante em que buscamos conhecimento sobre o assunto e realizamos uma análise aprofundada, notamos a trajetória percorrida pelos objetos até se consolidarem como um item de memória, onde passam a identificar um determinado grupo social.

Há também de se destacar a fundamental importância da educação patrimonial em nossa pesquisa, pois é a partir dela que procuramos estabelecer uma relação mais concreta dos munícipes biturunenses com os utensílios que a eles pertencem e que simbolizam seu modo de viver. Manter ativa a função desses objetos não é uma tarefa fácil, no entanto é necessário ressaltar o valor simbólico e imaginário de que eles estão carregados. Com a educação patrimonial aliada ao ensino de História e a Educação do Campo será possível implantar no cotidiano desses indivíduos uma

forma, não de resgatar o passado, já que isso não é possível, mas mesmo que em pouca dimensão, não deixar com que se percam os elementos capazes de fortalecer a memória histórica e cultural de um povo. E julgamos relevantes o estudo da cultura material do homem do campo, por estar muitas vezes relacionada a educação

Funari (1992/1993) tenta impor a cultura material em nosso cotidiano, nos diz que algumas instituições, como escolas, museus, entre outros, se opõem ao estudo da cultura material. Mesmo assim percebe-se que o estudo dessa, está inter-relacionado à educação, tornando-se, como nos aponta Mackenzie, citado por Funari(1992/1993, p.19), numa importante ferramenta para a criação de consciência. Este autor juntamente com Stone, acredita que a cultura material auxilia o ensino de disciplinas relacionadas ao mundo social. Mesmo com uma suposta rejeição de início, professores e pedagogos usam fatos do dia a dia do aluno para auxiliar a aprendizagem. Giddens e Carvalho, mencionados por Funari (1992/1993, p. 24), concordam que “O estudo do corriqueiro, a vida material diária do passado e do presente, tem permitido entender relações sociais e históricas”.

Chagas, em Lemos (2000, p. 35) deixa visível que “[...] coisas insignificantes podem ter significado (...) um significado atribuído e cambiável (...) o significado (e o valor) dessas coisas não está nelas mesmas, mas na relação que com elas se pode manter”.

Este significado foi o que buscamos, o significado que se vê entrelaçado ao cotidiano de nossos alunos do campo, que no campo nasceram, estão crescendo e com uma educação que atende a suas exigências, estão se sentindo cada vez mais capacitados a atuar no lugar onde nasceram

Eric Wolf, mencionado por Hobsbawn (1998), assim como Rocha (2007) nos faz perceber que não existe povo sem história ou que se compreenda sem ela, assim como a história e as ciências sociais precisam de uma história que explicasse sua existência. Todo indivíduo precisa de um passado, revelado ocasionalmente pela pesquisa histórica. Porém Priori, (1994) no indica que ao iniciar a pesquisa, o historiador deve primeiramente localizar as fontes, organizá-las para depois pesquisá-

las, e deve ainda trabalhar com a maior objetividade possível, articular a forma de ler as fontes, entendendo as transformações históricas como um processo, ver nas pequenas descobertas, mudanças profundas, os objetos utilizados pelo homem do campo são neste estudo nossas fontes, que nos indicam uma complexidade muito interessante, um modo de vida, tradições, lembranças, história e memória.

Ao observarmos tais objetos, e conhecermos a finalidade, assim como a representatividade dos mesmos, nos emocionamos ao perceber como simples peças, até mesmo algumas ignoradas, ajudaram a construir a história de um povo e também identifica-lo culturalmente. Não estamos nos referindo a isso como algo velho ou inútil, estamos sim desempenhando nosso trabalho de futuros historiadores, buscando apontar como esses objetos deram sentido a vida de alguém. Chagas, citado por Lemos (2000, p.28) afirma que “Tanto as peças, quanto as casas não são mais o que eram, são ecos (...) de uma voz que já se apagou, mas que curiosamente ainda grita em nossos ouvidos exigindo atenção (leituras e releituras) “. Realmente será essa nossa intenção, fazer com que os ecos gritem, apontando como esse utensílios pertencentes a famílias de homens do campo, biturunenses, podem mostrar todo o trabalho, costumes e trajetória desses indivíduos.

Acreditamos que a escola é o ambiente propício para este tipo de formação e informação. Bittencourt (2003, p.130) considera a escola como o local adequado para a formação da cidadania e para o conhecimento e valorização de elementos que fazem parte do patrimônio cultural. Regina Leite Garcia, citado por essa autora aponta que:

O papel da escola, é também, ensinar a degustar as formas e os conteúdos que hoje podem parecer superados, mas que fazem parte das nossas raízes, ou pertencem ao patrimônio cultural da humanidade. (GARCIA, apud BITTENCOURT, 2003, p. 130).

Só temos a destacar o benefícios trazidos por este estudo, o conhecimento e o reconhecimento dos objetos como representantes da cultura e história de um povo.

Uma das maiores dificuldades foi a locomoção dos objetos até a escola, devido a distância e porque tais objetos teriam um volume maior sendo difícil de transportá-los no ônibus, então os alunos optaram por apresentar fotos dos pertences que pesquisaram.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

CHAGAS, Mário de Souza. Museu, Literatura, Memória e Coleção. In: LEMOS, Maria Teresa Toribe Brittes. MORAES, Nelson Alves de (orgs) **Memória, Identidade e representação**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 4ª edição, 1974

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Memória histórica e cultura material. **Revista Brasileira de História**, São Paulo. v 13, n. 25/26, pp 17-31, set 92/ ago 93.

HOBBSWAN, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

PINSKY J. e PINSKY, C B. O que é e como ensinar: Por uma História prazerosa e conseqüente. In KARNAL, L (org). **História na sala de aula: Conceito prático e propostas** – São Paulo: Contexto, 2003.

PRIORI, Ângelo. História regional e local: métodos e fontes. **Pós-História**, Assis-SP, 181-187, 1994.

ROCHA, Carla Regina Nunes. Cultura Material E Ensino De História: Uma Reflexão Sobre Objetos Antigos Em Bituruna. FAFI- União da Vitória – Paraná, 2007

FONTES ORAIS

MATTIOLA, Lídia de oliveira. **Entrevista**. Bituruna, 2006/2007

SANDI, Dothilo. **Entrevista**. Bituruna, 2006/2007

SOARES, Joaquim. **Entrevista**. Bituruna, 2006/2007